



CAMPO GRANDE: UM IMENSO JARDIM QUE FICOU VAZIO

O imenso jardim do Campo Grande está vazio. Entre as árvores, palmeiras e bambus, não ressoam como antigamente os risos e a algazarra das crianças. Num tempo não muito longe, o Campo Grande, durante as tardes, vivia repleto de crianças que iam brincar, correr e andar de bicicleta. Hoje tudo isto acabou. No intenso tráfego de veículos nas ruas em sua volta, talvez esteja a razão do abandono das famílias pelo agradável recanto: o antigo lugar tranquilo tornou-se perigoso para as crianças.

A qualquer hora o Campo Grande apresenta um grande movimento de carros. Nas ruas que o cercam, apesar do tráfego, não existe faixa de segurança e muito menos a presença de um guarda de trânsito. Os pedestres, em perigosas manobras no meio das ruas, esquivam-se dos carros, param na pista, gritam, e pedem passagem. Não existe a menor segurança. Nos "play-grounds" dos grandes edifícios, as crianças brincam no pequeno espaço com bolas e velocípedes, enquanto a sua frente imenso e vazio jardim serve aos velhos solitários e os casais de namorados.

TRÁFEGO CONFUSO

O Campo Grande é um ponto nevrálgico no tráfego de Salvador. Ponto de confluência de várias ruas, o local apresenta uma confusão de veículos em todos os sentidos.

Seguindo-se da Avenida Sete em direção ao largo, nas imediações do Palácio do Governo, começa o engarrafamento. Este fato decorre do inevitável engarrafamento no Corredor da Vitória, uma rua estreita para o imenso número de veículos que nele trafega. O estacionamento permitido em ambos os lados da rua ainda aumenta o problema.

Se alguém pretende seguir em direção ao Canela, depois que conseguir escapar do engarrafamento inicial, não vai se ver livre do difícil trânsito. Com o fechamento de um pequeno trecho que permitia diretamente o acesso para o Garcia, forçou um congestionamento na entrada do Canela, por onde os carros que se destinam ao Garcia devem trafegar para fazer o contorno na Reltoria e voltar ao Campo Grande.

Juntando-se a este confuso tráfego, os carros que saem da Rua Leovigildo Filgueiras, chegam ao Campo Grande e misturam-se com os outros veículos, que trafegam em diversas mãos. Muitas acidentes ocorrem nos cruzamentos inevitáveis dos carros vindo do Garcia, da Barra e Graça e ainda dos veículos que estão estacionados numa pequena área ao lado do Jardim.

Na parte do Hotel da Bahia a coisa não é diferente. A mão inglesa inventada pelo Detran, até hoje causa confusões entre motoristas e pedestres. Atropelo é fato comum.

UMA GRANDE MUDANÇA

Há dez anos atrás, o jardim era bem diferente. Alirio Santos, nascido e criado na Avenida



Sete de Setembro, conta que passou grande parte de sua infância, brincando no Campo Grande.

— Crianças de todos os bairros próximos ao Campo Grande vinham brincar no jardim. Era tanta gente que chegávamos a organizar competições de futebol, ciclismo, bola de gude. Em época de Aleluia, tinha até queima de Judas.

Mas nem só Alirio percebe isto. Quem passar pelo jardim vai notá-lo, embora ainda belo, vazio e sem calor humano.

Contrastando com o ambiente parado do grande jardim, à sua volta, a movimentação incessante dos veículos, a afluência maciça de pessoas nos vários pontos de ônibus, a existência de carros de sorvetes, cachorros-quentes e os tabuleiros de acarajé, emprestam-lhe a característica de mais um ponto nevrálgico no caótico tráfego de uma cidade que cresce desordenadamente, sacrificando impiedosamente os seus mais belos recantos.

Embora majestoso e bonito, o jardim do Campo Grande ainda apresenta sujeira dos seus lagos e de suas ruas o descuido do poder público, pelo local onde se ergue o monumento à nossa Independência.

O monumento ao Caboclo está limpo. Entretanto em sua volta, a sujeira campeia. Os peda-

ços de papel espalhados pelo largo, provêm na sua maioria dos quitutes vendidos pelos ambulantes. Os dois corétes para apresentação de retretas estão imundos e servem atualmente até de abrigo para os mendigos, que fazem dele a sua casa.

No Campo Grande existem dois lagos. Antigamente se falava que os "moleques de rua" chegavam até a tomar banho neles. Alguns garantem que a água era limpa. Hoje está bem difícil se repetir isto. A pouca água existente nos lagos está suja, barrenta e cheia de detritos.

Em frente ao Hotel da Bahia, existe um pequeno pedaço do jardim que pretende ser um mini-parque de diversões para crianças. A coisa ficou só na intenção. Dos oito balanços em estado precário, das duas escorregadeiras que terminam em duas poças de água se salva somente o trenzinho. Mas este só funciona aos domingos.

Se durante o dia o jardim apresenta este aspecto, à noite a coisa muda para pior: inúmeras prostitutas vão para o local fazerem o "trottoir". Não é difícil para passar pelo Campo Grande à noite e constatar esta verdade e ainda presenciar as correrias das mundanas, quando se aproxima a ronda policial. É uma situação vexatória para as inúmeras famílias que moram nas imediações do jardim. Ou do ex-jardim.